



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do III Festival Mundial de Artes Negras**

Salvador-BA, 25 de maio de 2009

Não se impressionem com a quantidade de papel, porque é um parágrafo por página.

Primeiro, quero cumprimentar o meu amigo, companheiro, o excelentíssimo presidente da República do Senegal, companheiro Abdoulaye Wade,

Quero cumprimentar o meu querido companheiro, de muitos anos, governador do estado da Bahia, companheiro Jaques Wagner e sua companheira Fátima Mendonça,

Quero cumprimentar o ministro Edson Santos, ministro-chefe da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial,

O embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, secretário-geral das Relações Exteriores,

[Quero] comunicar que o companheiro Celso Amorim não pôde vir porque foi à missa de sétimo dia da sua irmã, que morreu quando nós estávamos na China,

Quero cumprimentar o senhor (incompreensível), ministro para o (incompreensível), da República do Senegal, e demais integrantes da delegação do Senegal,

Quero cumprimentar o embaixador Seck, embaixador do Senegal no Brasil, em nome de quem cumprimento os embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

O deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,

A desembargadora Sílvia Zarif, presidente do Tribunal de Justiça,



Quero cumprimentar os companheiros e as companheiras que não estou vendo, mas estou imaginando que estejam em algum lugar aqui, deputados federais e deputadas que estão presentes,

A nossa querida embaixadora Katia Gilaberte, embaixadora do Brasil no Senegal,

O nosso companheiro prefeito de Salvador, companheiro João Henrique,
Quero cumprimentar o Carlos Henrique Custódio, presidente dos Correios,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Zulu Araújo, presidente da Fundação Palmares,

Quero cumprimentar o Gilberto Leal, presidente da Confederação Nacional de Entidades Negras,

Quero cumprimentar o Antônio Carlos dos Santos, o famoso Vovô, do Ilê Aiyê,

Quero cumprimentar todos os companheiros aqui presentes,
Não fui eu que toquei. Deve ter sido o Gilberto Gil, escondido em algum lugar aí,

Quero cumprimentar os sindicalistas que estão aqui presentes,
[Quero] cumprimentar os companheiros da imprensa que estão aqui presentes,

[Quero] cansar vocês um pouquinho com o meu discurso.

Poucas são as ocasiões tão ricas de simbolismo como esta que vivemos hoje. Comemoramos o Dia da África na capital mais negra do Brasil, no teatro que leva o nome de um poeta de arte e de luta, que contribuiu enormemente para o fim da terrível escravidão.

Temos a honra de contar com a presença do presidente do Senegal, o meu caro Abdoulaye Wade. O presidente Wade é um grande promotor das causas africanas e um grande amigo do Brasil. No seu governo, o Senegal tem



desempenhado importante papel de apoio aos foros regionais, como a União Africana e o a Nova Parceria para o Desenvolvimento da África, e também na mediação de conflitos africanos. É dele a iniciativa de aproximar o Senegal de outros países em desenvolvimento. Ele tem sido um importante elo nas relações entre o Brasil e os países da África Subsaariana.

Nunca me esquecerei da viagem que fiz ao Senegal em 2005, e em especial do momento em que, ao lado do presidente Wade, visitei a Ilha de Goreé. Ali me emocionei ao ver a casa onde ficavam presos os escravos que seriam trazidos para a América. Também a “Porta do Nunca Mais”, pela qual eles passavam antes de serem embarcados nos navios negreiros, alguns com destino ao Porto de Salvador, a poucos quilômetros daqui.

Na ocasião, como presidente do Brasil, pedi perdão à África por todas as violências e injustiças cometidas contra aquele continente e a sua população. Ressaltei, também, a necessidade de integrarmos cada vez mais nossos povos, de reforçarmos as alianças nas mais diversas áreas.

É com este espírito, portanto, que celebramos hoje o início de um capítulo especial nas relações entre Brasil e África. E ele se dá justamente naquilo que existe de mais intenso na ligação de nosso país com o continente-mãe: a arte e a cultura.

É sabido que temos aqui a maior população negra do mundo fora da África. Também é conhecida e inegável a importância dos negros na construção deste país e no modo de vida de cada brasileiro e brasileira. A nossa língua, a nossa arte, a nossa forma de ver o mundo e, principalmente, o nosso jeito de ser têm raízes fincadas no solo africano.

Estou falando de uma rica tradição, forte o bastante para resistir a mais de 300 anos de escravidão, de uma alegria e de um grito de liberdade que não foram abafados nem pela mais cruel repressão, e que ao longo dos séculos se misturou, aqui, a matizes culturais dos mais diferentes povos, sem nunca perder a sua ligação ancestral.



A grande verdade, minhas amigas e meus amigos, é que a África não está apenas na cor da pele do brasileiro, nos seus usos e costumes. Está, sim, na alma de cada um de nós. Foi fundamental em nosso passado, construiu nosso presente e estará cada vez mais forte no futuro.

É por este motivo que me causa especial orgulho subir a este palco e participar do lançamento da terceira edição do Festival Mundial de Artes Negras, que ocorrerá em dezembro no Senegal. O Brasil, como se sabe, será homenageado nessa edição do festival. Mais do que isso: faz parte de sua comissão organizadora e está articulando a participação dos países latino-americanos no evento.

Durante o restante do ano, o governo federal vai estimular grupos culturais, produtores, artistas e todos os cidadãos que tenham algo a mostrar da cultura negra brasileira a irem ao Senegal, levar a cultura africana presente no Brasil. Trata-se, sobretudo, da prova de que voltamos a nos reconhecer – brasileiros e africanos – como povos unidos pela história e por desafios comuns, e de que estamos conseguindo promover um profundo intercâmbio de ideais e de criatividade.

É neste mesmo sentido que lançamos, hoje, a série de selos “Roda de Capoeira e Ofícios dos Mestres”. Com ela, homenageamos todos os mestres, conhecidos e anônimos, de ontem e de hoje, que ajudaram a tornar a capoeira uma das mais significativas e peculiares manifestações culturais do povo brasileiro. Entre eles, Mestre Bimba e o grande Mestre Pastinha, cujos 120 anos de nascimento estão sendo celebrados em 2009.

A arte da capoeira e de seus mestres reinventou, aqui em nossa terra, a cultura ancestral da África. Superou o jugo da opressão com o jogo da liberdade. Ao sobreviver nas rodas dos quilombos, portos e cidades, e se expandir por todo o Brasil, a capoeira transcendeu os conceitos de dança, brincadeira, luta ou esporte. Mostrou o que ela realmente é: uma criação civilizatória, de conagração e de resgate da auto-estima de populações



excluídas.

Talvez tenha sido esse potencial democrático e mobilizador que motivou, ao longo de décadas e décadas, tantas perseguições a essa arte e aos seus mestres. Apenas nos anos 40, o então presidente Getúlio Vargas liberou a prática da capoeira, antevendo que ela ainda seria reconhecida em todo o mundo como um esporte brasileiro por excelência – um esporte que não pode ser dissociado de nossa cultura. E o resultado não poderia ser outro: hoje, ela é praticada em mais de 150 países dos cinco continentes. Tornou-se, com merecimento, um patrimônio imaterial de nossa cultura, oficialmente reconhecido pelo Estado, e ganhará ainda mais destaque com os selos que acabamos de lançar.

Minhas amigas, meus amigos, companheiros e companheiras,

Esta comemoração do Dia da África – instituído pela Organização das Nações Unidas em 1972 – relembra a todos nós o encontro na Etiópia que criou, em 1963, a Organização da Unidade Africana, e que teve como um de seus principais articuladores o primeiro presidente do Senegal após sua independência, Leopold Senghor, conhecido como “poeta da negritude”.

Quero, portanto, agradecer a presença do presidente Wade aqui no Brasil. Os laços culturais que ligam o Brasil e o Senegal, e a África como um todo, são mais profundos que o oceano que separa os dois continentes. E a eles estamos somando laços de fraternidade que nos tornarão cada vez mais próximos.

Quero, também, dar os meus parabéns a todos os que estão participando, de uma forma ou de outra, desta nova e profícua fase das relações com os países africanos, que cada vez mais será marcada pelo campo da cultura e da arte.

Meus amigos e minhas amigas,

O Festival se dará de 1º a 14 de dezembro de 2009. É importante todos saberem que o companheiro Juca Ferreira é o organizador desse Festival, da



parte brasileira. Mas é importante saber que ele vai trabalhar junto com o Itamaraty, que ele vai tentar trabalhar junto com os governos da América Latina mas, sobretudo, ele precisa trabalhar, companheiro Wagner, com os governadores dos estados. Não vou nem dizer do Edson, que tem a obrigação de trabalhar mais do que todo mundo, porque ele é o ministro da pasta e, portanto, nós precisamos levar alguns governadores de estados importantes que têm muito a ver com a raça negra no Brasil. Mas, sobretudo, nós temos que levar, além de uma quantidade boa, uma qualidade excepcional.

Aí, meu caro Edson e meu caro Juca, é preciso provocar todas as organizações do Movimento Negro no Brasil – todas – para que a gente possa levar ao Senegal, não apenas a quantidade, mas levar o que a gente tem de melhor artista neste país, o que a gente tem de melhor escritor neste país, o que a gente tem de melhor pesquisador neste país, para que o Brasil possa fazer no Senegal a demonstração viva de porquê nós exigimos para nós o direito de ser a segunda nação negra do mundo depois da Nigéria, e a primeira nação negra depois do continente africano.

Aí nós vamos precisar de apoio. Da minha parte, o que eu posso dizer para vocês é o seguinte: eu não sou artista, eu não sou cientista, mas pode ficar certo, presidente Wade, que – de 1º a 14, eu vou escolher, não posso ficar os 14 dias lá – se Deus quiser, estarei na abertura desse Festival das Artes Negras, que é um jeito de a gente prestar uma homenagem a um continente que ajudou o povo brasileiro a ser como nós somos: alegres, lutadores, mas que tem uma alma maior do que o sofrimento que todos nós já tivemos no Planeta. O brasileiro é exatamente a síntese mais perfeita dos africanos que vieram para cá, sofreram, morreram, lutaram, mas, com todo o sofrimento, deixaram na alma de cada um de nós o prazer pela vida, o prazer pela liberdade, o prazer pela democracia.

Portanto, eu queria dizer para terminar aqui, presidente Wade, viva o Brasil, viva o Senegal e viva a África.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Um abraço.

(\$211A)